

## VIDA E OBRA: CHAVES HERMENÊUTICAS PARA UMA LEITURA DAS CARTAS DA PRISÃO DE DIETRICH BONHOEFFER

LIFE AND WORK: HERMENEUTICS KEYS FOR A READING OF THE PRISON LETTERS  
OF DIETRICH BONHOEFFER

Felipe Eduardo Martins dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar a vida e a obra do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, pois são chaves hermenêuticas para uma leitura de sua última obra, Cartas da prisão, cuja leitura é vasta e heterogênea. Assim, para alcançar seus objetivos o trabalho conjugará vida e obra de maneira paralela, comentando seus escritos e experiências cronologicamente. Inicialmente, uma caracterização de sua construção familiar e sua educação em meio a uma Alemanha cada vez mais nacionalista e em seguida sua trajetória acadêmica. Nesse momento, o entrelaçamento entre vida e obra ganha ainda mais relevância, pois, cada obra será reflexo de sua experiência. Suas obras principais a serem comentadas serão: *Communio Sanctorum*, Vida e Comunhão, Discipulado e Ética. Após entender as chaves presentes nos textos antecedentes a sua prisão, o leitor estará mais bem preparado para conseguir ler e extrair a teologia apresentada em suas Cartas da prisão. Para tal proposição, o artigo utilizará a metodologia qualitativa e bibliográfica como meio de se atingir os objetivos.

**Palavras-chave:** Dietrich Bonhoeffer; Vida; Obras.

**Abstract:** This article aims to present the work and life of the German theologian Dietrich Bonhoeffer. Using as hermeneutics' keys to understand his last book published, Letter and Papers from Prison. Reading which is vast and heterogeneous.

---

Artigo recebido em 24/10/2016. Aprovado em 04/12/2016.

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências teológicas pela Faculdade Boas Novas (FBN); graduação em História pelo Centro Universitário Claretiano. Atualmente: graduando em Letras pela Universidade Federal Fluminense e especialização *latus sensus* em Filosofia e Sociologia pela Universidade Cândido Mendes.

Thus, this article will analyse Bonhoeffer's life and work parallel and also commenting his writings and experiences chronologically. Starting, describing his family structure and education also his academic trajectory while in a growing nationalist Germany. Due to this, his life's experience reflects more in each of his work and gains more relevance. The principle works to be commented are 'Life and Communion', 'Discipleship' and 'Ethic'. After understanding the keys concepts in the writings before his prison, the reader will be better prepared to read and extract the theology presented in the Letter and Papers from prison. Therefore, this article will use the qualitative and bibliography methodology to reach its goals.

**Keywords:** Dietrich Bonhoeffer; Life; Work.

## Introdução

A história de vida do teólogo Dietrich Bonhoeffer se confunde e completa com suas obras. A unidade entre vida e pensamento certamente pode ser considerada chave hermenêutica para a compreensão de seus pensamentos, visto que alguns deles são incompletos, fragmentados e póstumos, como suas Cartas da Prisão. Assim, Capozza e Kurt acertam ao afirmarem (2006, p. 584) que “Bonhoeffer pensou o que viveu e viveu o que pensou”, especialmente no que diz respeito à igreja e sua forma, quando observado seu interesse pela Eclésia desde sua primeira obra *Communio Sanctorum* até as Cartas da Prisão, como também seu engajamento contra o antissemitismo que o Partido Nacional Socialista impôs a igreja alemã.

Partindo desses princípios, o objetivo deste trabalho é ser base teórica para as Cartas da Prisão, escritos que foram formados em diálogo com amigos e parentes, enquanto estava sob domínio nazista. O interesse surge da necessidade de compreensão do conceito chamado de Cristianismo sem religião ou Cristianismo arreligioso, termo apenas esboçado por Bonhoeffer, uma vez que não houve tempo suficiente para aprofundá-lo devido seu assassinato. Assim, sabendo que o

pensamento bonhoefferiano acontece a partir da soma de seus escritos, um compêndio apresentando sua vida e obras tornam-se essenciais.

Inicialmente a abordagem contextualizará o leitor com o cenário familiar de Bonhoeffer. A formação de sua família, a educação determinante na construção ética e moral do mesmo e de seus irmãos e sua trajetória acadêmica elucidarão a influência que seus familiares e alguns fatos ocorridos nesse momento somaram para a teologia de bonhoefferiana. Após esse momento a pesquisa passará a uma análise mais teórica de seu pensamento, destacando conceitos e construções teóricas que serão usadas em seus escritos da prisão. A relevância de traçar um trajeto que aborde suas obras no tempo se justifica pelo fato de todo o pensamento de Bonhoeffer ser interligado.

O caminho a ser percorrido, para realização do estudo parte de uma abordagem qualitativa, ou seja, pretende explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas. Nesse sentido a ação pretende, basicamente: descrever, compreender e explicar. A viabilização da pesquisa pautar-se-á na revisão de bibliografias, partindo do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

## **1. Família, infância e academia (1906 - 1927)**

Diferente do que muitos possam pensar, por ter vindo de uma família totalmente abastada de bens, honras e talentos Bonhoeffer possuía uma total solidariedade com os problemas que circundam a vida do próximo e um envolvimento para com a igreja o fez ir até as últimas consequências para defender os princípios cristãos.

Sua família paterna e materna vem de uma estirpe totalmente repleta de glórias. Pela linhagem de Karl Bonhoeffer, seu pai, o histórico familiar aponta que por três séculos, os Bonhoeffer estiveram entre as principais famílias de Schwäbisch Hall.

Durante esses três séculos a família, no decorrer das gerações, foram compostos por doutores, pastores, juízes, professores e advogados; além de 78 membros do conselho municipal e três prefeitos de Schwäbisch Hall. O histórico familiar da mãe de Dietrich Bonhoeffer, Paula Von Hase, possui ligações estreitas com a corte do imperador em Potsdam, além de militares, teólogos de renome como seu avô Karl August Von Hase, pintores renomados e músicos.

No ano de 1898 a história dessas duas famílias se une no casamento de Karl Bonhoeffer e Paula Von Hase, trazendo ao mundo oito filhos no curso de apenas dez anos. Dietrich Bonhoeffer nasceu no dia 04 de fevereiro de 1906, na cidade de Breslau, assim como todos seus irmãos: Karl Friedrich, Walter, Klaus, Ursula, Christine, Dietrich, Sabine (gêmea de Bonhoeffer, nascendo apenas quatro minutos depois) e Susane.

Nessa mesma cidade Karl Bonhoeffer exercia sua profissão, sendo o titular da cadeira de psiquiatria e neurologia da universidade e diretor do hospital para doenças nervosas. Karl era um homem de pensamento sóbrio, com autoridade marcante, sempre falava baixo e pouco. Uma pessoa pontual, correta, confiável e que mantinha o autocontrole; e sendo possuidor de todos esses adjetivos exigia o mesmo de seus filhos. Mesmo ocupado com os afazeres do trabalho, sendo um profissional muito exigido, Karl nunca se esquecera de zelar pelo relacionamento com os filhos e mulher sempre reservando tempo para brincadeiras e períodos de férias em família. Um exemplo foi em 1910 quando passaram suas férias nas florestas das montanhas Glatz, próximo a Boêmia, lugar chamado de Wolfesgründ. (METAXAS, 2011, p.18).

Paula Bonhoeffer vinha de família culta e artística. Filha de um teólogo e de uma condessa que possuía dom de música. Quando solteira Paula formou-se professora, chocando seus familiares. Mas após seu casamento, boa parte do que aprendeu no Colégio foi utilizado, visto que foi responsável pela educação de seus filhos até os oito anos, devido sua desconfiança dos métodos utilizados pelo ensino alemão. Mesmo depois que seus filhos atingiam idade suficiente para ir à escola Paula continuava com

as instruções religiosas (METAXAS, 2011, p. 18-20). Certamente esse período de ensino em casa marcou a vida dos seus filhos, incluindo Dietrich Bonhoeffer possibilitando um aprendizado mais eficaz, nas áreas da alfabetização, da espiritualidade e da ética.

A religião na casa dos Bonhoeffer sofria influências indiretas do pietismo através do Herrnhut<sup>2</sup>. Primeiramente de Paula Bonhoeffer, que quando pequena, frequentou Herrnhut, e secundariamente das irmãs Käthe e Maria van Horn, mulheres que trabalhavam no cuidado dos filhos dos Bonhoeffer, por serem devotas da comunidade de Herrnhut. Tais influências fizeram com que a família seguisse algumas tradições de Herrnhut como leitura bíblica e a devoção no lar. Os Bonhoeffer raramente frequentavam a igreja, todavia não se considerando anticlerical, acreditando que o cristianismo se desenvolve principalmente dentro de casa (METAXAS, 2011, p. 21). Percebe-se que a educação religiosa que Bonhoeffer recebe em sua infância, precipita uma ideia futura de um cristianismo desprendido de símbolos religiosos.

Mesmo Karl Bonhoeffer não se considerando cristão, encaixando-se mais como agnóstico, nunca foi contra a fé que sua esposa praticava e ensinava a seus filhos.

A fé de Paula Bonhoeffer falava por si só; tornava-se visível em suas ações e no modo com que ela colocava os outros acima de si própria, e ensinou os filhos a fazer o mesmo. Não existia espaço para falsa piedade ou qualquer tipo de religiosidade falsificada em nossa casa, diz Sabine. A mera visitação à igreja não lhe dizia muita coisa. (METAXAS, 2011, p. 23).

Certamente a postura da mãe de Dietrich Bonhoeffer foi uma das bases para seu futuro conceito de graça barata, pois dava grande ênfase no sentido prático da fé, na qual fé sem obras não possui significado algum.

---

<sup>2</sup>Fundada por Zinzendorf no século XVIII, Herrnhut dava prosseguimento à tradição pietista da Irmandade Morávia [...] Zinzendorf usava o termo 'fé viva', o qual contratava desfavoravelmente com o nominalismo em vigor da maçante ortodoxia protestante. Para ele, a fé era menos a respeito de um ascendimento intelectual as doutrinas e mais um encontro pessoal e transformador com Deus. Os Herrnhütter, portanto, enfatizavam a leitura bíblica e a devoção no lar". (METAXAS, 2011, p. 20)

Em 1912, Karl Bonhoeffer aceitou a nomeação para a cadeira de psiquiatria na cidade de Berlim, tornando-se a maior autoridade de sua área em toda a Alemanha. Em Berlim os filhos mais velhos passaram a frequentar a escola mais próxima, assim como Bonhoeffer, um ano após a chegada a Berlim, com os exatos sete anos de idade, ele começou a ir ao ginásio Friedrich–Werder, lugar que estudaria durante seis anos (METAXAS, 2011, p. 25- 26).

No dia 1 Agosto de 1914, quando Dietrich e sua irmã Sabine possuíam pouco mais de oito anos, a Alemanha declarava guerra à Rússia, dando origem a Primeira Guerra Mundial. Eles se encontravam no vilarejo de Friedrichsbronn, quando souberam da notícia. Após a guerra ser anunciada a família Bonhoeffer volta imediatamente para sua casa em Berlim, onde a irmã de Dietrich, Úrsula ao entrar em casa exclama a frase: “Viva! Vai ter guerra!” e prontamente leva um tapa. Visto que não era esse o sentimento inerente à família Bonhoeffer, não que fossem contrários à guerra, mas também não deveriam comemorá-la.

Com o tempo a guerra chegou ao lar dos Bonhoeffer: dois primos mortos; outro perdeu a perna e Lothar<sup>3</sup>, foi atingido no olho e teve uma perna esmagada. Mais tarde começou a faltar comida, até mesmo para os mais ricos, como era o caso dos Bonhoeffer. A guerra parecia não ter fim, após as primeiras vitórias do exército alemão, as tropas ficaram paralisadas em uma guerra defensiva que, custava vidas e mais vidas.

Em meio ao clima de guerra a família Bonhoeffer, em março de 1916, muda-se de Brückenalle para um distrito de Berlim chamado Grunewald. A casa era enorme, com um amplo quintal que foi muito bem utilizado pela família, como na criação de cabras, galinha e hortas, já que a guerra tornou os alimentos escassos e a família era muito numerosa. Esse novo ambiente possuía uma vizinhança de prestígio, com inúmeros professores conceituados na área acadêmica de Berlim.

---

<sup>3</sup> Primo da família.

A alegria pela nova casa durou pouco tempo, já que um ano após a mudança, no ano de 1917 os dois filhos mais velhos Karl Friedrich e Walter foram convocados para a guerra. Eles se alistaram na infantaria onde o exército estava mais carente. Karl Friedrich foi o primeiro a ir para a guerra após um pequeno tempo de preparação. Em março de 1918 foi à vez de Walter partir para a frente da batalha. No dia 23 de abril Walter é atingido por estilhaços de uma granada e fica gravemente ferido. Três horas antes de morrer Walter, ainda dita uma carta<sup>4</sup> para sua família.

A morte de Walter abalou completamente as estruturas da família. Mesmo sabendo que as possibilidades da morte são enormes quando se vai a uma guerra, ninguém está totalmente preparado para a perda de uma pessoa querida. Karl Bonhoeffer ficou em silêncio ao saber da morte de seu filho; já Paula Bonhoeffer, segundo afirma Metaxas (p.39, 2011), “encarava os sentimentos com seriedade”, e se expressando através da música, escolhendo o hino a ser cantado pela família naquela ocasião.

O que Deus tem feito, bem feito está.

Injusta sua vontade nunca é.

Tudo aquilo que fizer para mim,

Nele coloco sempre a minha fé. (METAXAS, 2011. p. 39)

Mesmo tentando entender e encarar a morte de seu filho como vontade de Deus Paula sofreu e muito a morte de Walter, sofrendo ainda mais pelo fato de seu outro filho Karl-Friedrich continuar na infantaria do exército alemão. Quando seu outro filho Klaus é convocado aos dezessete anos para se apresentar ao exército ela entrou em

---

<sup>4</sup> Meus queridos, Realizei hoje a segunda operação, e tenho de admitir que foi menos agradável que a primeira, pois os estilhaços removidos era mais profundos. Depois tive que tomar duas injeções de cânfora, com um intervalo entre elas, mas espero que a questão já esteja resolvida. Estou usando minha técnica de pensar em outras coisas para não considerar o sofrimento. Há muito mais coisas interessantes no mundo do que meus ferimentos. O monte Kemmel e suas consequências possíveis, e as notícias de hoje sobre a tomada de Ypres, nos dão grande motivo de esperança. Não me atrevo a pensar em meu pobre regimento, que tão severamente sofreu nos últimos dias. Como vão as coisas com os outros cadetes oficiais? Penso em vocês com saudade, meus queridos, a cada minuto dos longos dias e noite. De muito longe Walter. (LEIBHOLZ, 1971 *apud* METAXAS, 2011, p. 37).

colapso. Milstein (2006, p. 16) diz que “a, mãe, de dor, entrou em estado de choque”. Enquanto a mãe passava por esses momentos de crise Karl Bonhoeffer assumiu todas as responsabilidades no lar.

Todos esses fatos trouxeram amadurecimento para Bonhoeffer. Ele nunca perdera seu lado extrovertido e divertido, mas também sempre possuiu uma parte de si visivelmente séria. Após a morte de seu irmão Walter e encarando as possibilidades da Alemanha perder a guerra, esse lado sério ficou mais evidente, sendo nessa época que Bonhoeffer começou a considerar a ideia de fazer teologia.

Após o fim da Primeira Guerra a família Bonhoeffer acompanhava todos os acontecimentos bem de perto, mas mantinha seu foco dentro de seu lar tentando dar continuidade à vida. Paula ainda não havia se recuperado completamente desde a morte de Walter e as crianças continuavam com seus estudos. Nesse mesmo ano Bonhoeffer termina seus estudos na escola Friedrich-Werder e matricula-se no ginásio Grunewald para dar continuidade a seus estudos.

Bonhoeffer já havia decidido escolher teologia como carreira, só que ainda não se sentia pronto a revelar a sua família. Ao terminar o ensino médio no ginásio Grunewald, foi perguntado sobre seu futuro profissional, e ele respondeu de forma tímida: teologia. A oposição familiar foi evidente. Não aceitavam que um garoto com talentos pudesse ingressar na carreira de teólogo, até porque tinham uma visão crítica a igreja, colocando-a como: pobre, débil, chata, um clube antiquado e mesquinho. Diante de tais acusações Bonhoeffer apenas respondeu: “Então eu vou reformar a igreja” (MILSTEIN, 2006. p. 18)

Mesmo diante dos problemas do preconceito com o curso de teologia e a oposição da família Dietrich Bonhoeffer no ano de 1923 começa seus estudos acadêmicos em Tübingen, retornando após um ano para dar continuidade a seus estudos em Berlim, como era costume da família.



Em 1924, Bonhoeffer passou suas férias em Roma. Metaxas (2011, p. 60) afirma que “o que Dietrich iria conhecer na gloriosa e fabulosa cidade seria ainda mais importante para seu futuro do que ele mesmo esperava”. Ao chegar à Itália, ficou deslumbrado com tamanha beleza encontrada na arquitetura das cidades e nos monumentos históricos, todavia o que mais marcou sua viagem foi à nova percepção do que significa igreja. Milstein (2006, p. 19) comenta a respeito do que Bonhoeffer achou da missa na Basílica de São Pedro:

Junto ao altar estavam, além do cardeal, ainda outros integrantes do alto clero, seminaristas, monges. A universalidade da igreja revela uma imagem maravilhosa; brancos, negros, amarelos, todos em suas vestimentas litúrgicas, unidos sob a mesma igreja- isso parece bastante ideal.

Pensar numa igreja que não se restrinja a uma raça e nação, ao contrário, que se envolve com todos os tipos de pessoas e nações redefiniu alguns conceitos na vida de Bonhoeffer. Essa experiência oportunizou-o a ter pensamentos maiores sobre o que é ser igreja? Sendo esse o assunto trabalhado em seu doutorado *Sanctorum Communio* e em seu pós-doutorado *Akt und Sein*.

Após o término das férias Dietrich voltou para casa e deu continuidade aos estudos na faculdade de Berlim. Seus professores que mais o influenciaram foram Adolf von Harnack, Karl Holl, Reinhold Seeberg e Adolf Deissman, todos participantes da teologia liberal. Mas, o teólogo que Bonhoeffer mais reverenciou e admirou foi seu amigo Karl Barth, responsável pela oposição à teologia liberal e responsável pelo surgimento da neo-ortodoxia.

A escolha do tema de Bonhoeffer voltado para a dogmática desapontou muita gente, principalmente Harnack que lecionava a matéria de História da Igreja com o método histórico-crítico e Karl Holl que ensinava sobre a teologia de Lutero, matérias nas quais o jovem teólogo se destacava. Todos esperavam que sua tese se direcionasse a uma dessas duas áreas, mas sua escolha estava direcionada para um tema dogmático e histórico, voltando-se ao questionamento levantado em sua viagem a Roma sobre: o

que é ser igreja? Intitulando assim, seu texto de *Sanctorum Communio: Um Inquérito Dogmático dentro da sociologia da igreja*.

## 2. Continuação da trajetória histórico-biográfica e suas continuidades para uma futura crítica à religião

Aos 21 anos de idade Dietrich Bonhoeffer escreveu sua tese de doutorado. Possuindo a intenção de escrever sobre o tema igreja, sua primeira obra é intitulada *Sanctorum Communio: Um Inquérito Dogmático dentro da sociologia da igreja*, definindo a igreja não como uma entidade histórica ou uma instituição, mas Cristo existindo como comunidade eclesial.

Bonhoeffer nesta obra,

[...] procurou nada menos que conjugar suas divergentes heranças: harmonizar a sociologia e a tradição crítica com a teologia da revelação, isto é, reconciliar Troeltsch e Barth. Aplicando o irreconciliável para a igreja concreta, ele usou uma frase do livro de Hegel, *A religião Absoluta*. As palavras de Hegel eram 'Deus existindo como comunidade'; em Bonhoeffer elas se tornaram 'Cristo existindo como igreja-comunidade'. Para Hegel, a comunidade era a habitação do Espírito Santo na forma de vontade absoluta. Bonhoeffer reformulou tudo cristologicamente, acreditando que tinha alcançado um terceiro estágio que transcendia a antítese entre Troeltsch e Barth. (BETHGE, 1989 *apud* BARCALA, 2010, p. 23).

O que ele fez foi conjugar a sociologia e a filosofia como instrumentos da Dogmática, elucidando os conceitos do cristianismo através da sociologia para que assim se alcance resultados concretos. Barcala em seu livro *Cristianismo Arreligioso* (2010, p. 24) apresenta uma perspectiva a respeito da primeira obra de Bonhoeffer:

A proposta de Bonhoeffer em *Sanctorum Communio* transcende, portanto, a problemática simplesmente sociológica da configuração da comunidade eclesial. Além disso, ela pretende analisar a essência da Igreja como comunidade empírica a partir de sua revelação no evangelho. Isto significa que, para o teólogo alemão, a compreensão do significado concreto da comunidade religiosa exige mais do que a adoção dos postulados filosóficos ou sociólogos: é preciso incluir os

conceitos da dogmática, ou seja, a revelação bíblica sobre esta comunidade. A igreja possui um fundamento teológico. Por isso, a temática é abordada a partir de três enfoques: a Filosofia Social, a Sociologia e a Dogmática

Mesmo Bonhoeffer utilizando métodos filosóficos<sup>5</sup>, desenvolvidos por fusões de pensamentos, não eliminou conceitos bíblicos para que se chegue a um resultado satisfatório em sua pesquisa. Primeiro, porque o conceito de ser humano dentro do cristianismo atinge uma dimensão de responsabilidade e cuidado ético pelo próximo que nenhum conceito sócio filosófico poderá atingir; segundo, porque ao trabalhar com filosofias idealistas como a filosofia de Hegel, Bonhoeffer excluiria os efeitos do pecado sobre a humanidade e conseqüentemente sobre a igreja, tornando o pecado e a redenção fatos que não alteram a essência da história humana.

Bonhoeffer chega à conclusão que o melhor termo para se descrever a igreja é família de irmãos. Irmãos que fazem parte de uma comunidade e não de uma instituição ou sociedade. “Isto por que para ele, comunidades são compostas por ‘vontades orientadas reciprocamente’”(BARCALA, 2010, p.28), criando um vínculo de relacionamento que está envolvido por uma responsabilidade de amor que estimula o agir vicário, ou seja, o entregar-se no lugar do outro, assim como Cristo fez pelo mundo. Diferentemente das massas que estão totalmente voltadas para um estímulo puramente exterior, buscando objetivos de prosperidade e bens materiais.

Barcala (2010, p. 30) comenta que juntamente ao conceito vicário de comunidade Bonhoeffer apresenta duas falsas compreensões que podem ser encaradas como leves críticas à religião: a primeira “historicizante”, que confunde a igreja com uma comunidade religiosa, na qual não leva em consideração os vínculos de amizade criados por Deus, mas encaram o relacionamento como um meio de manutenção de

---

<sup>5</sup> Alguns métodos filosóficos usados por Bonhoeffer utilizados para uma compreensão do “ser igreja” foram: “metafísico-aristotélico”, filosofias estoicas e epicuristas, além do “metafísico-cartesiano-kantiano-hegeliano”.

ritos e práticas, ao invés de um fim em si mesmo; e o conceito “religioso” que confunde a igreja com o Reino de Deus.

Após o término de sua tese de doutorado Bonhoeffer teria de cumprir um estágio prático concernente ao pastorado. No ano de 1928 a 1929 na cidade de Barcelona, em uma pequena comunidade carente alemã ele “pregou dezenove sermões e conduziu um trabalho para as crianças”(METAXAS, 2011, p. 90). Quando voltou de Barcelona Bonhoeffer considerou abandonar o mundo acadêmico devido a forte experiência vivida em seu estágio. Contudo, como ainda faltavam dois anos para sua ordenação ao pastorado preferiu dar início ao seu pós-doutorado dando continuidade a sua primeira obra *Sanctorum Communio*, desenvolvendo ainda mais a pergunta sobre: “O que é a igreja”. Intitula sua tese de *Akt und Sein*, na qual,

[...] usa uma linguagem filosófica para demonstrar que a teologia não é somente um campo filosófico, mas algo bem diferente. Para ele, a filosofia era a busca do homem pela verdade à parte de Deus. Seria um tipo de “religião”, no sentido de Barth, na qual o próprio homem tenta alcançar o céu ou a verdade ou a Deus. Teologia, porém, inicia-se e termina com a fé em Cristo, revelador de si mesmo ao homem; separada de tal revelação, não pode existir algo como a verdade. Portanto, o filósofo- e o teólogo que atua sobre pressupostos filosóficos- gira em torno de seu próprio umbigo. Ele não consegue livrar desse círculo, mas Deus, por meio da revelação, pode rompê-lo.(METAXAS, 2011, p.10)

Nessa obra levanta-se a seguinte indagação: “se a Igreja é a concreção da revelação de Cristo no mundo, assim se coloca a pergunta como se poderá conhecer a revelação em si mesma”( CAPOZZA; KURT,2006. p. 585). A resposta à pergunta é, “a Igreja como unidade de ato e ser é, portanto, a resposta à pergunta pela explicação da revelação”(CAPOZZA; KURT,2006. p. 586). Assim, somente na comunhão da igreja pode-se chegar à revelação.

No dia 18 de Julho de 1930 sua obra foi aprovada, e no dia 31 do mesmo mês Bonhoeffer, com vinte e quatro anos de idade, da sua primeira aula com professor universitário de Berlim. Seu superior Max Diestel intermediou uma bolsa de estudos

em Nova York, no Union Theological Seminary. Ao chegar à América Bonhoeffer se assusta com o baixo nível teológico de professores e alunos, chegando a afirmar que não havia teologia naquele local. No decorrer do tempo conheceu o teólogo Reinhold Niebuhr, visitou igrejas para negros e fez amigos como Albert Franklin Fisher, Jean Lasserre e Paul Lehman.

Dois dias após Hitler ser nomeado Chanceler, Bonhoeffer, em um ato de ousadia proferiu uma meditação no rádio sobre o tema: O Führer e o indivíduo da nova geração, argumentado sobre a veneração a Hitler por parte das pessoas. Com aquela ação tentou abrir os olhos da população no que diz respeito ao Princípio Führer e a sua forma de governar.

Junto às leis do sistema de sincronização<sup>6</sup>, se encontrava o Parágrafo Ariano, colocado em vigor no dia 7 de Abril. Anunciada como “Restauração do Serviço Civil”, esse decreto forçava a demissão de profissionais que professavam a fé judaica ou que possuíssem ascendência judaica. Bonhoeffer era totalmente contra a diferenciação de etnias tanto dentro quanto fora da igreja, devido sua educação familiar e suas experiências em Roma e em Nova York.

Bonhoeffer foi um dos primeiros teólogos a falar sobre o tema “Igreja e a questão dos judeus”. Destacou três aspectos na relação da igreja frente às ordens do estado para com os judeus: ajudar o estado a ser estado ordenado por Deus, ajudar as vítimas da ação do estado e não só ajudar os oprimidos pelas ações do estado, mas ser agente que vá diretamente contra o estado para impedir o mal. A grande maioria dos pastores alemães não concordou com as palavras de Bonhoeffer, e assim, retiraram-se do local da palestra.

A igreja alemã possui um grande número de pastores que aceitavam as propostas do Nacional-socialismo, criando assim, dentro da igreja uma ala chamada de “Teuto-Cristãos. No dia 27 de setembro de 1933, o líder Ludwig Müller ganhava às

---

<sup>6</sup> Chamada *Gleichaltung* (sincronização), leis que transformavam o governo de democracia em ditadura

eleições e se tornava o novo bispo do Império, com setenta por cento votando nos teuto-cristãos. Como resultado a igreja alemã era entregue à autoridade de Hitler sob alegação de autopreservação, argumentando que através do apoio do Estado a igreja seria mais forte e poderia alcançar mais vidas.

Para Bonhoeffer “a igreja não é uma instituição a-histórica, mas está inescapavelmente *in statu confessionais*. Somente como confessante, isto quer dizer, como seguidora, a Igreja é Igreja de Jesus”(CAPOZZA; KURT,2006. p. 586)

Dos dias 29 a 31 de maio do ano de 1934 aconteceu a assembleia de Barmen, que ficou marcada na história da igreja como Confissão de Barmen. A Confissão condenou as doutrinas aceitas pelos teuto-cristãos e deu origem a Igreja Confessante como opositora declarada a igreja estatal. Bonhoeffer não participou da Confissão e criação da igreja diretamente, mas foi convidado a ser professor e pastor do seminário de pregadores organizado pela igreja confessante, onde escreve duas de suas obras: *Vida e comunhão* e *Discipulado*.

O seminário teve seu início no ano de 1935, inicialmente em Zingst, uma ilha no Mar Báltico e sendo posteriormente levado para uma casa de Finkenwalde, nas imediações de Stettin. Nesse local,

Bonhoeffer tinha em mente uma espécie de comunidade monástica, onde se buscava viver o modo de vida que Jesus ordenou a seus seguidores no Sermão do Monte, em que não se vive apenas como estudantes de teologia, mas como discípulos de Cristo.(METAXAS, 2011. p. 281)

Foi do relacionamento entre irmãos no seminário clandestino que surgiu o seu livro *Vida e Comunhão*, quando descreveu como é viver uma vida em comum com a igreja de Cristo, uma comunhão na qual vida e fé se fundiam em unidade, ao transformar a teoria do discurso em prática.

Em Finkenwalde, além da vida em unidade, Bonhoeffer sempre ministrava suas aulas de modo que chegava rápido ao cerne de sua teologia, o discipulado. O tema

discipulado fazia parte dos pensamentos de Bonhoeffer antes mesmo de seu ingresso como responsável do seminário confessante, pelo fato de sua teologia ser prática e atual, observando a realidade que o cerca de forma criteriosa e crítica.

Bonhoeffer começa seu livro *Discipulado* esclarecendo a concepção luterana a respeito da interpretação de Lutero sobre a gratidão pela graça: “ele sentia que grande parte do problema vinha da educação teológica luterana, que não produzia discípulos de Cristo, mas teólogos desligados da realidade”(METAXA, 2011, p.281). Assim, diferencia a recepção humana para com a graça de Deus, nomeando-as de Graça Barata e Graça Preciosa.

A graça barata é considerada por Bonhoeffer inimiga mortal da igreja:

A graça como doutrina, como princípio, como sistema; significa perdão dos pecados como verdade geral, significa o amor de Deus como conceito cristão de Deus. Quem o aceita já tem o perdão de seus pecados. A Igreja participa da graça pelo simples fato de ter essa doutrina da graça. Nesta igreja, o mundo encontra fácil cobertura para seus pecados dos quais não tem remorsos e não deseja verdadeiramente libertar-se. A graça barata é, por isso, uma negação da palavra viva de Deus, negação da encarnação do Verbo de Deus.(BONHOEFFER, 2004. p. 9)

O desenvolvimento do conceito de graça barata está encharcado por uma crítica a igreja luterana alemã devido ao seu envolvimento e consentimento com as atitudes nazistas. Bonhoeffer comenta que o agir cristão no mundo acontece como afastamento e recusa do mundo por amor a Cristo, lembrando que o ser mundano está relacionado com o ser nazista. Porém, será possível ver uma mudança de direção no que diz respeito a esse afastamento cristão do mundo em suas obras futuras como *Ética* e as suas cartas da prisão.

Em contraste a graça barata esta a concepção de graça precisa que é entendida como resultado do seguir a Cristo. Bonhoeffer (2004, p. 10) comenta que:

Essa graça é preciosa por que chama ao discipulado de *Jesus Cristo*; é preciosa por custar a vida ao ser humano, e é graça por, assim, lhe dar a vida; é preciosa por condenar o pecado, e é graça por justificar o pecador. Essa graça é sobretudo preciosa por ter sido preciosa para Deus, por ter custado a Deus a vida de seu filho- ‘vocês foram comprados por preço’- e por que não pode ser barato para nós aquilo que custou cara para Deus. A graça é preciosa sobretudo porque Deus não achou que seu Filho fosse preço demasiado cara para pagar pela nossa vida, antes o deu por nós. A graça preciosa é a encarnação de Deus.

O discipulado é encarado como única maneira legítima de relacionar-se com Cristo, é a única resposta. O discipulado é uma obediência fundamentada não sobre leis, mas sobre relacionamento, assim não se trata de aprender uma nova religião com suas doutrinas, mas de seguir o próprio Cristo.

O seguir a Cristo exige uma combinação que segundo Bonhoeffer é inseparável: fé e obediência. É impossível ser obediente sem fé e também impossível possuir fé sem ser obediente, ou seja, o ato de ter fé, automaticamente deve ter como resultado a obediência. Contudo, essa fé que produz obediência “realiza-se somente no concreto ser-um-com-outro, sem o qual o seguimento sempre corre o risco de auto-satisfação e individualismo” (CAPOZZA; KURT, 2006, p. 587).

No decorrer do livro surge uma pergunta: Como viver hoje uma vida cristã? Barcala (2010, p. 73) afirma que,

a resposta que ele oferece não se encontra nem na identificação indistinta do Cristão com o mundo, como queriam os cristãos alemães, nem no isolamento e autopreservação da igreja a moda dos pietistas e religiosos. O modo de ser cristão no mundo era o discipulado de Cristo.

E continua,

a única coisa que devia diferenciar o cristão do mundo, o elemento ‘extraordinário’, era a cruz, concebida como amor aos inimigos e participação nos sofrimentos de Cristo pelo mundo. Nenhum privilégio, nenhuma doutrina ou ritual, mas a cruz era o sinal visível dos cristãos no mundo.



Bonhoeffer também de forma indiretamente faz uma crítica à religião a partir do conceito barthiano de religião, que coloca a religião como a busca do homem ao transcendente. Para Bonhoeffer, fé não é uma iniciativa humana, mas consiste da ação divina em chamar o homem através de Jesus Cristo, e na resposta humana de aceitar o chamado e seguir a Jesus. O paradoxo da fé é que ela é simultaneamente obra de Deus e disposição interna da alma. A fé não é um impulso natural humano, mas nossa resposta pessoal ao chamado pessoal de Cristo.

Em 29 de Abril de 1937, o seminário de Finkenwalde foi fechado pela Gestapo (polícia secreta alemã). A única forma de o seminário continuar seria através dos “vicariatos em grupo”, ou seja, pastores de comunidades confessantes assumiriam os seminaristas. O próprio Bonhoeffer continuou dar suas aulas em uma casa abandonada em Pomerânia, que seria fechada em março de 1940 pela Gestapo.

No ano de 1938 a polícia alemã invadiu comunidades formadas pelos líderes da igreja confessante e proibiu a permanência na cidade de Berlim de todos aqueles que não possuíam moradia fixa em Berlim. No mesmo ano a Alemanha estava em chamas, todas as sinagogas foram destruídas e queimadas. A igreja em nenhum momento se manifestou contra as atitudes do governo, sempre permanecendo do lado mais forte como forma de preservação. Um exemplo da atitude da igreja pode ser vista no dia 20 de Abril de 1939, quando Hitler comemorava cinquenta anos. A igreja oficial organizou um presente: todos os pastores deveriam fazer o juramento de fidelidade a Hitler, até mesmo muitos teólogos da igreja confessante se renderam a Hitler para que não fossem demitidos de seus cargos.

Ainda em 1939, com rumores de uma possível guerra, Bonhoeffer foi convocado para o exército, mas devido à influência de sua família conseguiu um adiamento. Após esse acontecimento os amigos Reinhold Nieburhr e Paul Lehmann, ambos americanos, enviaram um convite para Bonhoeffer ir para os Estados Unidos, e assim aconteceu, no dia 2 de junho de 1939 ele vai para a América. Sua estadia durou apenas vinte e seis dias, sua alma não sossegava estando a todo tempo imaginando como estaria seu país.

Bonhoeffer diz as seguintes palavras a seu amigo Reinhold Niebuhr: “Depois da guerra, eu não terei o direito de participar na reconstrução da vida cristã na Alemanha se eu não compartilhar agora das privações pelas quais passa o meu povo”(MILSTEIN, 2006. p. 62). Assim no mês de agosto volta primeiro para Inglaterra, onde visitou sua família e depois foi para a Alemanha, Berlim.

No dia 1 de setembro de 1939 começa a Segunda Guerra Mundial com a invasão dos alemães em território polonês. O ataque de Hitler não poderia simplesmente acontecer, tudo precisava transmitir um gesto de autodefesa, assim o exército alemão fingiu um ataque polonês, disfarçando seu próprio exército com uniformes do exército polonês, atacando uma das bases alemãs na fronteira entre os dois países; logicamente Hitler não mataria o seu próprio exército, então colocou uniformes alemães em prisioneiros dos campos de concentração, para que tudo se parece real e seu ataque à Polônia fosse legítimo.

Hitler chegava ao auge de seu poder através de seguidas vitórias. A população e até mesmo as igrejas aclamavam o nome de Hitler. Cultos eram celebrados em ações de graça pelo maior estrategista de todos os tempos. Ao contrário de Hitler, Bonhoeffer continuava sua rotina após sua volta da América, mas sua vida começa a se transformar quando passa a se envolve com uma resistência alemã contra Hitler.

Referindo-se ao grupo de resistência, Bonhoeffer escreveria: ‘ Os alemães somente hoje estão começando a descobrir o que significa responsabilidade livre. Esta se baseia num Deus que exige o livre risco de fé uma ação responsável e que anuncia perdão e consolo a quem se torna pecador nessa empreitada’ (MILSTEIN, 2006, p. 70).

Agora fazendo parte da resistência Bonhoeffer foi enviado para vários lugares com missões diferentes: Munique, onde ficou de novembro de 1940 a fevereiro de 1941; Suíça em duas ocasiões no mesmo ano de 1941 e na Noruega no ano de 1942. Foi em sua primeira viagem a Munique, local onde ficou alguns meses, que Bonhoeffer com a ajuda da grande biblioteca do convento de Ettal, começa a escrever seu livro intitulado *Ética*, obra cujo autor não iria terminar.

Em *Ética*, Bonhoeffer apresenta mudanças que podem ser compreendidas, em termo cristológicos. A expansão do lugar e domínio de Jesus Cristo no mundo diferente da ética luterana, que divide o mundo em dois âmbitos, ou seja, o reino de Deus e o reino do mundo, Bonhoeffer “parte de um todo indivisível da realidade de Deus [...] Jesus Cristo é a realidade de Deus que se apossou da realidade do mundo” (MILSTEIN 2006, p. 70). Assim, não existem fronteiras entre Deus e o mundo e a divisão entre santo e profano, natural e sobrenatural, mundano e cristão são extintas através da unidade feita por Cristo Jesus.

Bonhoeffer começa falando de uma ética cristã como supressão de todo conhecimento sobre o bem e o mal, pois percebe que se busca criar uma ética cristã a partir da consequência do rompimento entre o ser humano e seu criador.

A ética cristã reconhece já na possibilidade da noção do bem e do mal o rompimento com a origem. O ser humano, em sua origem, só sabe de uma coisa: Deus. A outra pessoa, as coisas, a si mesmo ele só conhece na unidade de seu saber de Deus. Conhece tudo só em Deus e Deus em tudo. O saber do bem e do mal assinala a separação já acontecida da origem. (BONHOEFFER, 2009, p.15).

Então, já que a ética cristã não é, e não pode possuir nenhuma ligação com o conhecimento do bem e do mal, sua origem vem única e exclusivamente em fazer a vontade de Deus em conformidade com a revelação de Jesus Cristo, ou seja, consiste na concretização da vida de Jesus Cristo no ser humano e no mundo. Barcala (2010, p. 82) afirma que:

A “vontade de Deus” não deve ser entendida como imutável, firmada de uma vez para sempre no início da criação [...] não é um conjunto postulado exigindo aquiescência intelectual por parte do ser humano, mas, em vez disso, é uma orientação dinâmica que intente conduzir a realidade a Jesus Cristo, sem, contudo, negar nenhum de seus aspectos, nem julgá-la a partir de uma concepção estática do que é “bom” ou “correto”. A exclusão do real na consideração do “bem”, de acordo com ele, não corresponde ao Deus cristão, mas, pelo contrário, é idolatria a algum deus metafísico.

Nesta nova fase de Bonhoeffer é perceptível uma amplitude na ação de Cristo, porém essa ação de Cristo no mundo não significa estender o poder da igreja em relação ao mundo, como aconteceu na Idade Média. Tal ampliação seria reconhecer a proximidade entre Cristo e os 'bons' que vivem no mundo, além de sua compaixão pelos maus. Assim, Bonhoeffer (2009, p. 41) comenta que:

não cabe uma "cultura cristã" que torne o nome de Jesus Cristo aceito perante o mundo; pelo contrário, o Cristo crucificado tornou-se refúgio, justificação, proteção e exigência para os valores superiores e seus defensores em sofrimento. É junto a Cristo que sofre e é perseguido em sua comunidade que direito, verdade e liberdade se refugiam.

Bonhoeffer conjuga a proximidade entre Cristo e aqueles que praticam a bondade em meio ao sofrimento, aqueles que deixam o estado de inércia para se entregar a causas que sejam justas. "Jesus importa-se com aqueles que sofrem por uma causa justa, mesmo que não seja exatamente a confissão em seu nome" (BONHOEFFER, 2009, p42). E quem faz isso leva a sério a realidade do mundo, ou seja, as "penúltimas coisas".

Nesse momento é reservado um espaço em sua *Ética* para falar sobre as "últimas" e "penúltimas" coisas. Uma relação bastante parecida com as definições encontradas em seu livro *Discipulado* sobre a graça barata e a graça preciosa.

As coisas "últimas" não estão ao alcance do ser humano. É a resposta final de Deus a uma vida de que buscou segui-lo, sabendo que, nada que se faça pode ser garantia para a salvação, assim a última palavra de Deus para sua criação passa a ser somente sua misericórdia. Bonhoeffer (2006, p. 82) afirma que:

A graça justificadora de Deus jamais abandona sua posição de última palavra, jamais se oferece como resultado conquistado que poderia ser colocado tão bem no começo como no fim, jamais se pode eliminar a caminhada do penúltimo ao derradeiro. A palavra permanece irreversivelmente o último, do contrario estaria reduzido a algo calculável, a uma mercadoria, e assim despojada de seu caráter divino. A graça ficaria barata; não seria dádiva.

O *penúltimo* é tudo aquilo que antecede a realidade última. Refere-se às coisas cotidianas do mundo, na qual a vida fundamentada pela fé, ganha um significado de concretude que transforma uma fé fora do tempo e espaço em uma fé viva que justifica a vida. Além disso, as coisas “penúltimas” são a preparação do caminho para o derradeiro, sempre sendo um meio e não fim para a realidade última. Resumidamente é a relação dos cristãos com o mundo na qual estão inseridos.

Bonhoeffer analisa duas soluções de se relacionar com as duas realidades. A solução radical que busca um cristianismo puro baseado somente nas coisas últimas, na qual “só vê o derradeiro e nele só o total rompimento com o penúltimo [...] Cristo é o destruidor e inimigo de tudo o que é penúltimo, e tudo que é penúltimo é hostil a Cristo” (BONHoeffER, 2009, p.83). E a solução de compromisso, no qual o mundo é colocado como autônomo e valioso por si mesmo, o derradeiro permanece além do cotidiano, sem nenhum vínculo com o mundo.

Ao perceber que as duas primeiras soluções são inaceitáveis, pois se tornam excludentes, assim propõe uma terceira solução que,

[...] reconhece ao penúltimo uma consistência que tem seu fundamento e sua justificativa apenas no último. Então a realidade penúltima não é condição da última, porém a realidade última condiciona a penúltima. Nesta solução, concebe uma realidade mundana que valoriza igualmente a encarnação como sinal de amor de Deus pelo mundo; e a cruz como julgamento e condenação da humanidade caída pelo pecado; e a ressurreição como promessa de uma vida nova ao mundo pela reconciliação com sua origem. (PERRUZO, 2010, p. 59).

Certamente essa conclusão da ação de Cristo no mundo dentro de duas realidades que nunca podem ser vistas separadamente, tornando-se assim uma única realidade em Cristo, o Deus-homem, está anexada a uma crítica a igreja alemã que se esqueceu da realidade “mundana” e também uma justificativa de sua participação em um grupo de conspiração contra Adolf Hitler.

Após as viagens de Bonhoeffer pelo grupo da resistência, aconteceram dois atentados contra Hitler. O primeiro no dia 13 de março de 1943, quando colocaram

uma bomba em seu avião, porém o detonador de efeito retardado falhou. A segunda oportunidade aconteceu uma semana depois no dia 21 de março, Rudolf von Gersdorf, coronel da tropa Mitte<sup>7</sup> estava disposto a se explodir junto a Hitler em sua passagem pelo arsenal, no entanto Hitler não permaneceu nem 10 minutos no local, dando fim a mais uma tentativa. (MILSTEIN, 2006, p. 73,74). O que os participantes da resistência não sabiam era que estavam sobre os olhares da polícia secreta alemã, assim no dia 4 de abril de 1943 Bonhoeffer, sua irmã Christine e seu marido Hans von Dohnanyi foram detidos e encaminhados para lugares diferentes, Bonhoeffer foi levado para a prisão de Tegel.

### **Considerações finais**

A partir do conhecimento do contexto e alguns fatos históricos da vida do teólogo e mártir Dietrich Bonhoeffer, tornou-se mais simples o entendimento de suas obras e a evolução de pensamento que possui forte ênfase eclesiológica e cristológica. Desde *Sanctorum Communio*: A igreja como Cristo existindo em comunidade, passando por *Akt und Sein*: A igreja como concretização e atualização da revelação divina; *Discipulado*: O engajamento da igreja por um mundo para Cristo e sua *Ética*: Cristo como Senhor do mundo.

Essas continuidades cristológicas foram axiomas para uma pensar mais profundo sobre a igreja. E através desse pensar crítico sobre a existência de Cristo enquanto corpo materializado na forma de comunidade, o autor consegue diferenciar o que é de fato o cristianismo e o que é religiosidade, cujo mundo não mais suporta. Assim, essas são algumas chaves de interpretação para uma leitura da última obra do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, suas Cartas e Escritos da Prisão, no qual um assunto em potencial se destacará: Cristianismo sem Religião.

---

<sup>7</sup> Grupo de resistência do exército russo.

Grosso modo, a compreensão do termo funda-se da união de suas reflexões a respeito da ética, cristologia e eclesiologia, cujo resultado preliminar dá origem a práxis do “estar aí para os outros”<sup>8</sup>. (CALDAS, 2016).

A expressão “estar aí para os outros” justamente é o resumo da proposta de um cristianismo sem religião.

Bonhoeffer ao pretender desenvolver um cristianismo sem religião divide a proposta em duas: forma e conteúdo. Sobre o conteúdo, segundo Eberhard Bethge ( ao escrever o posfácio do livro *Resistência e submissão* afirma:

O pressuposto desta tese é a compreensão de religião que Bonhoeffer desenvolveu em suas cartas: marcada pela “metafísica”, “interioridade”, “parcialidade”, por “privilégios” e pela respectiva compreensão de Deus (“Deus” como “hipótese de trabalho”, “tapafuros” e “tutor”), a “religião” pertence a uma época que chegou ao seu fim pelo desenvolvimento histórico em direção à “autonomia” e “maioridade” do mundo. (2003, p. 591)

Para Bonhoeffer uma espiritualidade baseada na metafísica de Deus que age na insuficiência humana tenderia a desaparecer ou a tornar-se insignificante, uma vez que o ser humano passa a resolver duas indagações sem a hipótese Deus. Sendo assim, um Deus imanente, concreto e encarnado passaria a reinar sobre todo o homem, ou seja, não só na fraqueza, mas em sua potência. Por isso a interpretação não religiosa passa por discussões como: axiomas para um cristianismo sem religião, desenvolvimentos do mundo na dimensão histórico-antropológica da proposta de um cristianismo arreligioso, ataque da apologia à maioria do mundo, importância da espiritualidade veterotestamentária, último e penúltimo.

---

<sup>8</sup> Esse conceito está registrado na obra *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003. Segue um conteúdo mais contextualizado no conceito: “A igreja só é igreja quando está aí para os outros. Como primeira providência, ela deve presentear todo patrimônio aos necessitados. Os pastores devem viver exclusivamente das doações espontâneas da comunidade, eventualmente exercer uma profissão secular. A igreja participar das tarefas mundanas da vida social humana, não dominando, mas auxiliando e servindo. Ela deve dizer às pessoas de todas as profissões o que é uma vida com Cristo, o que significa ‘existir para os outros’”. (p. 512)

A forma, por outro lado, seria a ação propriamente da igreja enquanto responsável pelo mundo, uma igreja que “esta aí para os outros” e que tem nesse enfoque seu principal objetivo. Uma proposta diferente da igreja alemã, que se aliou a Hitler como meio de preservação ao invés de posicionar-se contra as atrocidades que a política nazista comedia.

Barcala (2010, p. 111) comenta:

é necessário destacar que a expressão “cristianismo arreligioso” diz respeito, principalmente, à forma que a igreja, com suas estruturas e ritos, deveria assumir concreta e visivelmente num mundo arreligioso, enquanto a ideia de uma “interpretação não- religiosa” está mais próxima da proclamação da mensagem cristã e tem como objetivo principal interpretar os conceitos bíblicos com uma linguagem despida de conteúdo metafísico.

Assim, a característica de compactação entre vida e pensamento, necessariamente, inviabiliza uma redução de análise a apenas uma obra, isto é, as *Cartas e Escritos da prisão*. Por isso é necessário buscar conceitos e pressupostos em obras antecessoras como em *Discipulado e Ética*, por exemplo, no qual os temas listados acima, a respeito de sua ética, cristologia e eclesiologia serão tratados para o entendimento do termo inacabado de Cristianismo sem religião.

## REFERÊNCIAS

- BARCALA, Martins. *Cristianismo Arreligioso: Uma introdução à cristologia de Dietrich Bonhoeffer*. São Paulo: Arte Editorial, 2010..
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 11. ed. rev. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.
- \_\_\_\_\_. Dietrich. *Ética*. 9. Ed. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST, 2009.
- \_\_\_\_\_. Dietrich. *Vida e Comunhão*. 8. Ed. rev. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2011.
- CALDAS, Carlos. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil*. São Paulo, SP: Garimpo Editorial, 2016.
- CAPOZZA, Nicoletta e KURT, Appel. *“Estar-aí-para-outros” como participação da realidade de Cristo: sobre a eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer*. Porto Alegre, RS: 2006.



<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1750/1283>>.

Acesso em: 04. Agosto. 2012.

METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: vida e pensamento*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2006.

PERRUZO, Tula. *O Desenvolvimento do Pensamento Ético de Dietrich Bonhoeffer: A ética da responsabilidade num mundo tornado adulto*. Porto Alegre, RS: 2010. <<http://www.bioeticaefecrista.med.br/textos/O%20Desenvolvimento%20do%20Pensamento%20etico%20de%20Dietrich%20Bonhoeffer.pdf>>. Acesso em: 04. Agosto. 2012.

RODRIGUES, Adriani. *A Crítica Teológica da Religião: Um estudo comparativo nas teologias de Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer*. São Bernardo, SP: 2009. <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2180](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2180)>. Acesso em: 04. Agosto. 2012.

STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: Origens Interpretações, Legados*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.